

1 História do ISRAEL BÍBLICO – introdução

Este curso foi elaborado por João Virgílio Tagliavini,
bacharel em teologia, doutor em educação,
professor emérito da Universidade Federal de São Carlos.

Se o curso é sobre história, esta é a primeira pergunta que se faz: de que tipo de **história** que se trata? Utilizamos o método da história como ciência. Mas, como temos pouquíssimas fontes históricas confiáveis para a elaboração da história do Israel Bíblico, nós elaboramos uma história de Israel como é apresentada na própria Bíblia, complementando com descobertas histórico-arqueológicas dos últimos dois séculos. Portanto, trata-se de uma história aproximada, para possibilitar a localização e a compreensão de cada livro da bíblia no seu contexto.

Mas, antes de tudo, é preciso perguntar: **de que bíblia se trata?** A bíblia é igual, com o mesmo número de livros, para todas as religiões? A bíblia não é a mesma para todos os que nela creem. Há pelo menos três edições diferentes da bíblia: a católica, a protestante e a hebraica.

Começemos pela católica que tem o maior número de livros: são 73 livros, sendo 46 no antigo testamento e 27, no novo testamento. A bíblia protestante tem 66 livros, sendo 39 no antigo testamento, e 27 no novo testamento. E a bíblia hebraica tem apenas o antigo testamento, com 24 livros.

O conjunto de 24 livros que o Judaísmo¹ chama de TaNaK², e que os cristãos chamam de antigo testamento, é um conjunto de narrativas, que se iniciaram na tradição oral e, posteriormente foram sendo elaboradas e reelaboradas por muitas mãos, em épocas diferentes. Não é uma obra de história, nem de ciência. É um conjunto de escritos, elaborados e **interpretados conforme as necessidades e interesses do chamado “Povo de Israel”**, em épocas diferentes, para fazer frente aos seus desafios, principalmente para alimentar sua fé na **aliança** com um Deus, que eles acreditavam ser único⁴ e que chamavam de Javé ou Eloim. O fio condutor de todo o conjunto é o chamado à **fidelidade a esta aliança**, lendo a história como *história de salvação*. Encontramos, portanto, nesses livros, mais teologia do que história, ou, dizendo melhor, uma reconstrução histórica que serve à teologia. Quem vai à Bíblia fazendo perguntas erradas só poderá encontrar respostas equivocadas. Os *fundamentalistas*, por exemplo, encontram absurdos na bíblia porque suas perguntas são inadequadas às palavras e à finalidade dela. Alertamos a todos que, por se tratar de um conjunto de tantos livros, composto por tantos autores e comunidades, consolidado em épocas diferentes, com finalidades diversas, podemos

² **TaNaK** é um conjunto de iniciais utilizadas pelo judaísmo para representar os três conjuntos de livros na sua bíblia: a letra **T** representa a Torá, que contém os cinco primeiros livros da bíblia que conhecemos como Pentateuco; a letra **N** representa o conjunto de livros dos profetas, que, em hebraico se escreve *Neviim*; e a letra **K** refere-se aos livros conhecidos como *escritos*, que em hebraico pronuncia-se *Kethuvim*. Isto pode ser visualizado no mapa conceitual que elaboramos abaixo. Além da TaNaK, uma grande parcela dos judeus acredita que Moisés tenha recebido e transmitido, além da Torá, uma *tradição oral*, passada de geração em geração, e que serve de complemento e esclarecimento à revelação. Essa tradição começou a ser compilada no século VI depois de Cristo, com o nome de *Talmude*.

⁴ A crença num Deus único chama-se monoteísmo. Há controvérsias se, desde o princípio, os israelitas acreditavam e celebravam um deus único. Para muitos estudiosos, foi só tardiamente, talvez até mesmo só a partir da experiência do exílio, que o monoteísmo teria se consolidado, como uma forma de unificar o judaísmo.

encontrar em seus textos, fora de contexto, os pretextos para qualquer ideologia. Pode-se encontrar na bíblia, tanto um Deus amoroso, pai, misericordioso, quanto um carrasco cruel que se alegra com a condenação eterna de seus filhos. Cada ponto de vista é fruto da formação recebida e não se pode impor sua leitura aos outros. Por isso é importante estudar muito a bíblia, a *História de Israel*, a *Teologia Bíblica* etc. Quem a estuda profundamente não terá motivo para impor aos outros uma visão única da bíblia, e muitas vezes, equivocada. Vamos ao estudo.

1.1. Cânon bíblico

Começamos nos questionando sobre o que chamamos de **cânon** da bíblia. A palavra *kânon*, em grego, significa uma *cana* ou *vara de medir*. Com o tempo passou a significar *norma* ou *regra*. Para os católicos, *livros canônicos* são aqueles que a Igreja Católica reconhece como *sagrados e inspirados por Deus*⁵. Portanto, segundo uma regra ou norma estabelecida pela doutrina judaica, católica ou protestante, a bíblia tem um certo número de livros aceitos como revelados, e que, portanto, devem ser aceitos por seus fiéis. O cânon de cada uma das igrejas foi se formando aos poucos. No caso da igreja católica, por exemplo, o cânon só se consolidou definitivamente no Concílio de Trento, pelo decreto *De canonicis Scripturis*, em 4 de abril de 1546, confirmando listas mais antigas já admitidas pela própria igreja. Alguns anos antes, em 1517, Lutero, ao fazer a *reforma protestante*, havia excluído da bíblia aqueles sete livros do antigo testamento, que a igreja católica chama de *deuterocanônicos* e que ele chama de *apócrifos*. São os livros de Tobias, Judite, 1º e 2º Macabeus, o livro da Sabedoria, o Eclesiástico (também conhecido como livro de Sirac), o livro do profeta Baruc e algumas passagens dos livros de Ester e de Daniel. São chamados de deuterocanônicos porque só constaram na bíblia na tradução da *Septuaginta*, texto utilizado por São Jerônimo, quando fez a tradução para o latim, a pedido do papa Dâmaso I, entre o final do século IV e início do século V, conhecida como VULGATA. Chama-se “Vulgata” por ser destinada ao “vulgo”, o povo, que, na época, conhecia o latim. Não se conhecem esses livros em hebraico.

Embora tenha aceitado os 27 livros do Novo Testamento, Lutero levantou problemas sobre livros que já tinham tido sua autenticidade questionada nos primeiros séculos, pelos padres de igreja.

⁵ Podemos chamar de *protocanônicos* aqueles 39 livros reconhecidos desde as primeiras listas de livros, tanto pelos católicos quanto pelos protestantes. Os outros 7, são aqueles que ingressaram na 2ª lista do Cânon da Igreja Católica, na bíblia conhecida como Vulgata. A primeira vez que os deuterocanônicos aparecem na bíblia foi na tradução grega dos LXX, conhecida, portanto, como SEPTUAGINTA, feita por cerca de 70 sábios, por volta do ano de 250 a.C, próximo a Alexandria, Egito. A partir daí houve muita discussão nos concílios da Igreja sobre qual cânon adotar: o cânon *longo* com os 46 livros, incluídos, portanto, os deuterocanônicos, ou o cânon *curto*, com os 39 livros protocanônicos. Quanto ao Novo Testamento, que não é nosso objetivo de estudo neste texto, seu cânon começa a ser formar no século II d.C, obviamente. Alguns livros, como Hebreus, 1ª e 2ª Pedro, 2ª e 3ª de João, Judas e Apocalipse são objetos de discussão quanto a entrarem ou não na lista dos canônicos. Os 27 livros do Novo Testamento foram reconhecidos como canônicos, definitivamente, pela Igreja Católica, no Concílio de Trento, que deu a última palavra, aprovando o *cânon longo*. Para a Igreja Católica, *apócrifos* (que significa *ocultos, escondidos*), ou *pseudocanônicos*, são livros que, embora tenham alguma relação com a história do Povo de Deus, com o Antigo ou com o Novo Testamento, nunca foram reconhecidos por ela como revelados. Em geral, são livros escritos entre o II Sec. a.C e o I d.C. Há mais de 100 livros considerados apócrifos, entre o Antigo e o Novo Testamentos.

A bíblia hebraica, ou TaNaK, como já vimos, contém apenas o que conhecemos como *antigo testamento*, pois os judeus não aceitam que Jesus Cristo seja o Messias prometido. Além disso, também não incluem na sua bíblia os *deuterocanônicos*.

1.2. Como se formou a Bíblia?

A esta altura, cabe-nos fazer outra indagação: **como se formou a bíblia?** Pode-se dizer que cada *autor sagrado* recebeu uma revelação direta de Deus e escreveu seu livro do começo ao fim, como faria um escritor atual? Não. A bíblia é semelhante ao estuário de um grande rio: como ele se formou? Afluentes maiores, que, por sua vez, receberam águas de riachos, córregos, fontes, derretimento de geleiras etc. Mais águas das chuvas. É praticamente impossível distinguir, no estuário, de onde vêm todas essas águas. Mas sabemos que são muitas fontes. O resultado de todo esse processo de elaboração é o seguinte:

Cânion das bíblias hebraica, protestante e católica

	HEBRAICA		PROTESTANTE		CATÓLICA
	TaNaKh:				
	T orá: lei				Pentateuco
1	Gênesis	1	Gênesis	1	Gênesis
2	Êxodo	2	Êxodo	2	Êxodo
3	Levítico	3	Levítico	3	Levítico
4	Números	4	Números	4	Números
5	Deuteronômio	5	Deuteronômio	5	Deuteronômio
	N eviim: profetas		Históricos		Históricos
6	Josué	6	Josué	6	Josué
7	Juízes	7	Juízes	7	Juízes
8	Samuel	8	Rute	8	Rute
9	Reis	9	1 Samuel	9	1 Samuel
10	Isaías	10	2 Samuel	10	2 Samuel
11	Jeremias	11	1 Reis	11	1 Reis
12	Ezequiel	12	2 Reis	12	2 Reis
13	Os doze ⁶	13	1 Crônicas	13	1 Crônicas
	K etuvim: escritos	14	2 Crônicas	14	2 Crônicas
14	Salmos	15	Esdras	15	Esdras
15	Provérbios	16	Neemias	16	Neemias
16	Jó			17	Tobias
17	Cântico dos cânticos			18	Judite
18	Rute	17	Ester	19	Ester
19	Lamentações			20	1 Macabeus
20	Ester			21	2 Macabeus
21	Eclesiastes		Sapienciais		Sapienciais
22	Daniel	18	Jó	22	Jó
23	Esdras e Neemias	19	Salmos	23	Salmos
24	Crônicas	20	Provérbios	24	Provérbios
Os doze , na bíblia hebraica, que estão num rolo apenas, são: Oséias Joel Amós Abdias		21	Eclesiastes (Coélet)	25	Eclesiastes (Coélet)
		22	Cântico dos Cânticos	26	Cântico dos Cânticos
				27	Sabedoria
				28	Eclesiástico (Sirac)
			Profetas		Profetas
	23	Isaías	29	Isaías	

Jonas	24	Jeremias	30	Jeremias
Miqueias	25	Lamentações	31	Lamentações
Naum			32	Baruc
Habacuc	26	Ezequiel	33	Ezequiel
Sofonias	27	Daniel	34	Daniel
Ageu	28	Oséias	35	Oséias
Zacarias	29	Joel	36	Joel
Malaquias	30	Amós	37	Amós
	31	Abdias	38	Abdias
	32	Jonas	39	Jonas
	33	Miquéias	40	Miquéias
	34	Naum	41	Naum
	35	Habacuc	42	Habacuc
	36	Sofonias	43	Sofonias
	37	Ageu	44	Ageu
	38	Zacarias	47	Zacarias
	39	Malaquias	46	Malaquias

Novo Testamento (27 livros)

CATÓLICO		PROTESTANTE	
47	Mateus	40	Mateus
48	Marcos	41	Marcos
49	Lucas	42	Lucas
50	João	43	João
51	Atos dos Apóstolos	44	Atos dos Apóstolos
52	Romanos	47	Romanos
53	1 Coríntios	46	1 Coríntios
54	2 Coríntios	47	2 Coríntios
55	Gálatas	48	Gálatas
56	Efésios	49	Efésios
57	Filipenses	50	Filipenses
58	Colossenses	51	Colossenses
59	1 Tessalonicenses	52	1 Tessalonicenses
60	2 Tessalonicenses	53	2 Tessalonicenses
61	1 Timóteo	54	1 Timóteo
62	2 Timóteo	55	2 Timóteo
63	Tito	56	Tito
64	Filemon	57	Filemon
65	Hebreus	58	Hebreus
66	Tiago	59	Tiago
67	1 Pedro	60	1 Pedro
68	2 Pedro	61	2 Pedro
69	1 João	62	1 João
70	2 João	63	2 João
71	3 João	64	3 João
72	Judas	65	Judas
73	Apocalipse	66	Apocalipse

Nota: assinalado em amarelo são os livros do Novo Testamento, questionados por Lutero, embora façam parte do seu cânon, mesmo que alguns tenham sido colocados no final da bíblia. Esses livros já tiveram sua autenticidade questionada por vários padres da igreja, até o século IV.

1.3. A bíblia é revelada por Deus?

O que está na Bíblia é a REVELAÇÃO? Em algum momento, Javé falou diretamente aos escritores sagrados, ditando a bíblia?

Muitos pensam que, num determinado momento e lugar, Javé ditou as palavras para serem escritas, como se fosse uma “revelação direta”. No entanto, é mais plausível crer que a revelação tenha o sentido de uma “inspiração”, que pode ser uma “iluminação” interior, individual, comunitária (para um grupo) ou coletiva (para todo um povo).

Em sentido amplo, atribui-se a palavra *inspiração*, por exemplo, a um artista. Almir Sater costuma dizer que ele foi inspirado para compor de uma só vez a música “Tocando em frente”. O *inspirado* Vinícius de Moraes compôs poesias e músicas maravilhosas.

Em sentido bíblico, os livros canônicos teriam sido inspirados por Deus. O mais correto seria dizer que os redatores da bíblia se sentiram inspirados, ao lerem a realidade concreta do povo, e puseram por escrito sua inspiração. Isto é válido para quem tem fé.

Para quem não tem a fé judaico-cristã, a bíblia é um livro *inspirado* para o povo de Israel, assim como foram outras obras clássicas, como *Ilíada* e *Odisseia*, para os gregos, *Eneida*, para os romanos, ou *Os Lusíadas*, para os portugueses. E se faz um estudo histórico crítico literário de todas essas obras, inclusive da bíblia, pela sua importância na formação do pensamento e dos costumes dos povos.

Para quem tem fé, também há diversas formas de ler e interpretar os textos chamados *sagrados*. Há, por exemplo, uma leitura fundamentalista e literária, que simplesmente reproduz a letra do que está escrito na bíblia. Dentre esses fundamentalistas estão certos grupos católicos tradicionalistas que estão mais próximos do conceito de *seitas* do que de Igreja. Apenas os que ignoram os estudos bíblicos da própria Igreja é que permanecem nesse campo tradicionalista. E, tanto na igreja católica, quanto protestante, há quem estude a bíblia utilizando-se também dos métodos das ciências históricas, arqueológicas, literárias, para extrair dela o sentido mais original. Além disso, leem e interpretam os textos numa visão de conjunto, que chamamos de *teologia bíblica*, para compreender a sua mensagem, no contexto concreto da vida e das relações econômicas e relações humanas.

As narrativas bíblicas sobre os Patriarcas, o Êxodo e a Ocupação da Terra de Canaã pelas Tribos de Israel, segundo estudos feitos nos dois últimos séculos, foram compostas por volta dos séculos VII e VI a.C., com uma intenção muito clara de justificar a política e o poder da Tribo de Judá, que pretendia o monopólio do poder diante dos israelitas, e tinha projetos expansionistas em relação aos povos vizinhos. Vamos tratar isso adiante.

Aqui, não posso deixar de falar daqueles que agem de má fé, utilizando-se de textos bíblicos, fora de contexto, manipulando-os apenas em benefício próprio. São os *empresários da fé*, charlatões que se enriquecem alimentando a ingenuidade dos fiéis. São *comerciantes do sagrado*, que prometem a salvação ou até a riqueza material, desde que os fiéis sejam generosos em lhes fazer doações. Isso se chama *estelionato religioso*.

1.4 Ponto de vista da leitura e interpretação da bíblia

Neste texto, não trataremos, por enquanto do tempo do Novo Testamento. Pode-se fazer um estudo da Bíblia, dentro do campo confessional judaico, católico ou protestante, ou ainda um estudo científico, num campo “neutro”:

Os especialistas adquiriram muitos conhecimentos novos sobre o caráter e a forma da poesia e da prosa bíblicas. Essas abordagens em particular possibilitam o estudo da Bíblia num terreno “neutro” ou “não confessional”, supostamente excluindo questões de crenças pessoais sobre as exigências religiosas com as quais esses textos por sua própria natureza confrontam o leitor (CERESKO, 13).

É na Bíblia escrita em Hebraico, que inclui o Pentateuco, os Profetas e os Escritos, que buscamos a história do povo *israelita*, termo utilizado até o exílio, ou *judeu*, termo utilizado depois do exílio (GOTTAWLD, 19).

Na Bíblia há muitas narrativas.

A linha das narrativas relata uma história política carregada de conflitos, entretida com mais de mil anos de história do antigo Oriente Próximo. Suas leis, narrativas, listas, discursos proféticos e ditos de sabedoria mencionam uma multidão de instituições e práticas sociais que se modificam no decorrer dos séculos... Finalmente porque a Bíblia Hebraica é escritura sagrada para judeus e cristãos até o dia de hoje, e obteve lugar significativo na civilização ocidental, ela acena ao leitor a fim de que entenda e considere suas noções de divindade e de humanidade, de processo histórico e de ordem social, como também de ética e de vida boa (GOTTWALD, 19).

Como organizar tudo isso numa história única, linear, com definição de tempos e espaços? Há mais certezas ou mais dúvidas sobre o resultado desse trabalho dos historiadores? Hoje, no Brasil, por exemplo, há muitas narrativas sobre a escravidão e o processo de libertação dos escravizados, e isso aconteceu há pouco mais de 100 anos, em língua portuguesa, nos lugares onde habitamos. O que se dirá de uma história de quase quatro mil anos, com acontecimentos num território distante, com narrativas numa língua totalmente estranha, com estilos literários bem diversos, frutos de um povo, ou de povos com outra organização social, política e econômica? E como as traduções chegaram até nós, e como nós entendemos as traduções ou as reinterpretemos segundo nosso entendimento e nosso lugar social?

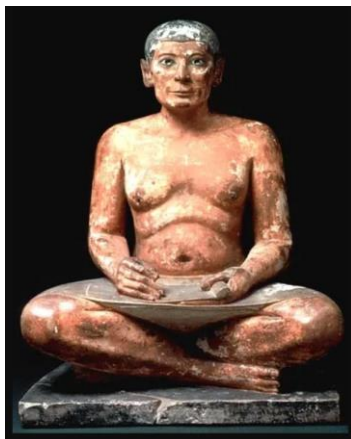
A bíblia deve ser lida, portanto, segundo uma **abordagem histórico-crítica**. Numa primeira leitura, é preciso **suspeitar** que não se pode tirar conclusões para a vida, sem levar em conta as diferenças da língua, do contexto sociocultural⁷, da geografia⁸, da produção material da existência⁹ etc.

E pouquíssimos eram aqueles que detinham o conhecimento da escrita para registrar a história, falar sobre as colheitas, o comércio, as batalhas e os feitos dos seus reis, além dos textos poéticos, mitos, epopeias e escritos religiosos.

⁷ O contexto em que os livros da bíblia foram compostos, era bastante machista, em razão de uma civilização patriarcal, por exemplo.

⁸ Uma região de muitas e importantes rotas comerciais, com muito deserto e um crescente fértil.

⁹ O modo de produzir e de distribuir as riquezas.



O *Escriba Sentado*, escultura de cerca de 2.500 anos antes de Cristo, obra encontrada em 1850, numa escavação arqueológica, próximo à cidade do Cairo, no Egito. Hoje é uma das peças importantes do Museu do Louvre.

Como os escribas estavam nos palácios, as histórias do povo, dos escravos e de suas rebeliões, foram canceladas. Nossa visão dos acontecimentos é, portanto, parcial e cheia de lacunas. Para conhecer a História de Israel é preciso estudar a história dos povos ao seu redor: Egito, Mesopotâmia, Síria-Palestina.

No Brasil dos tempos da colônia e do império, a leitura da bíblia poderia ser feita do salão da **casa grande** ou do fundo de uma **fétida senzala**. A mesma bíblia utilizada para transformar os escravizados em seres dóceis, poderia vir a ser utilizada para animar as lutas de libertação, inspiradas na leitura do livro do Êxodo, que narra a libertação do povo de Israel da escravidão do Egito, ou na experiência libertária das tribos de Israel. Esse lugar de leitura é definido como “privilegio hermenêutico dos pobres”. E vários documentos das Conferências Episcopais Latino-Americanas propõem esse lugar de leitura¹⁰. A Bíblia surgiu de uma experiência de um grupo de “não-pessoas”, milagrosamente libertado da escravidão do Egito ou de outros impérios. Portanto, a própria Bíblia parece sugerir que o ângulo a partir do qual temos que lê-la é “a partir dos últimos”, através dos olhos dos fracos e dos pobres, do ponto de vista dos oprimidos¹¹.

Em São Paulo, por exemplo, a leitura da bíblia seria igual, tanto naquela igreja na região mais rica dos jardins, que realiza casamentos milionários, quanto nas comunidades de base das favelas da periferia? Talvez, vestidos com as cores da bandeira brasileira, os primeiros se organizem, numa nova cruzada “santa”, carregando uma imagem de Maria, com o terço nas mãos, para eliminar os infiéis, moradores dos barracos ou das ruas. E, em nome da Bandeira, da Cruz e da Virgem, ataquem os sacerdotes e bispos que os defendem.

Não adianta querer fazer uma interpretação **literal**¹² da bíblia, pois o que dizer desta passagem bíblica:

¹⁰ Ler principalmente os documentos de Medellín e de Puebla.

¹¹ Ceresko, 19.

¹² *Literal* significa que se lê exatamente o que está escrito (com todas as suas letras).

Devastadora filha de Babel, feliz quem devolver a ti o mal que nos fizeste!
Feliz quem agarrar e esmagar teus nenês contra a rocha! (Salmo 137, 8-9)¹³.

E nestes dias de guerra política e de narrativas, no Brasil, um homem autodeclarado pastor evangélico e capitão, fantasiado de militar, discursou para dezenas de pessoas em Recife, no dia 16 de novembro de 2022, dizendo:

Na Bíblia, em I Samuel¹⁴, fala que Deus mandou que Samuel fosse até Saul e ungesse Saul como rei. E Ele disse a Saul: ‘ataque os amalequitas e mate todos inclusive as mulheres grávidas, transpasse a barriga com a espada, porque ali está o filho do demônio’. Eu sou um pastor, sou capelão, sou capitão, sou armamentista, eu vou pegar na arma e vou matar esses demônios, todos eles... (do PT, PSOL são filhos do demônio...).

Portanto, a leitura literal de textos fora do contexto pode servir de pretexto para eliminar os irmãos. Mas é isso que Deus quer?

1.5 Bíblia e Ciência

A Bíblia precisa ser compreendida segundo sua finalidade. Para que ela foi redigida? Para ensinar ciências, ou para ensinar como viver? A Igreja Católica medieval acreditava e ensinava que a terra era o centro do universo e não se movia, mas era o sol que se movia ao redor dela, um sistema chamado de geocêntrico. Galileu, ao contrário, baseado na teoria de Copérnico, depois de muita experiência e observação, publicara, em 1629, a teoria que afirmava que a terra não era o centro do universo e que se movia sobre si e ao redor do sol. Isso contrariava a “letra” da Bíblia, segundo Josué 10, 13, que dizia: *E o sol se deteve e a lua ficou parada, até que o povo se vingou de seus inimigos. No Livro do Justo¹⁵ está escrito assim: O sol ficou parado no meio do céu e um dia inteiro ficou sem ocaso¹⁶.*

Galileu Galilei, ao ser questionado pelos inquisidores por que ele havia publicado e estava ensinando uma teoria contrária às Sagradas Escrituras, responde que a Bíblia nunca errava ao ensinar a palavra de Deus, para orientar os homens na sua vida, mas os seus intérpretes podiam errar. Esse mesmo argumento foi utilizado pelo Papa João Paulo II, ao reconhecer o erro e pedir perdão a Galileu¹⁷.

¹³ Com base nesse tipo de interpretação, Israel pode se considerar um povo protegido por Deus para invadir e destruir a Palestina. Consequência disso é o fundamentalismo “cristão” que se instalou no Brasil nesse início de século XXI, em que um “Deus acima de tudo” é favorável à utilização das armas contra os *infieis* de todos os tipos. Podem ser simples adversários políticos, que devem ser eliminados em nome desse Deus guerreiro.

¹⁴ Ele se refere a 1 Samuel, 15.

¹⁵ Antiga antologia poética que engrandecia as lutas de conquistas de Israel.

¹⁶ Os israelitas, sob o comando de Josué, venciam a batalha contra os Amorreus e precisavam de mais um pouco de tempo antes do anoitecer. Por isso Josué implora e Javé dá uma pausa no dia, “parando o sol”.

¹⁷ *“O erro dos teólogos da época, quando mantinham a centralidade da Terra, era o de pensar que o nosso entendimento da estrutura física do mundo era, de algum modo, imposto pelo sentido literal da Sagrada Escritura”, afirmou João Paulo II. O Papa ainda afirmou: “De fato, a Escritura não se ocupa dos pormenores do mundo físico, cujo entendimento compete à experiência humana e à razão. Existem dois domínios de conhecimento: um cujas fontes estão na Revelação e outro que a razão pode descobrir por suas próprias forças. A este último pertencem notadamente as ciências experimentais e a filosofia. A distinção entre dois domínios do saber não deve ser entendida como oposição. Os dois domínios não são estranhos um ao outro. Eles têm pontos de contato. Os métodos próprios de cada um permitem pôr em evidência aspectos diferentes da realidade”.* Disponível em:

Portanto, estuda-se a bíblia e a história de Israel e escolhe-se uma interpretação, uma leitura, que não é possível impor aos outros como se fosse uma certeza, uma verdade absoluta. No mundo protestante, há a crença na “livre interpretação das escrituras”; a Igreja Católica propõe aos seus fiéis uma interpretação elaborada pelo seu “magistério”, quer dizer, pelo Papa, pelos Bispos em Concílio, iluminados pelos seus teólogos, à luz da Tradição dos Santos Padres¹⁸ e Doutores¹⁹. Tudo isso está consolidado em Documentos dos Concílios e dos Sínodos, Encíclicas Papais, Catecismos oficiais, e outros escritos autorizados e divulgados pela Igreja. Para os crentes católicos, essa leitura e interpretação são feitas à luz desses ensinamentos da Igreja, que evoluem, pois a Igreja também leva em consideração os estudos dos especialistas.

Para os não crentes, a história de Israel, assim como a história dos outros povos, é construída com base nos estudos documentais, sociológicos, antropológicos, arqueológicos, literários etc, e também por comparação às informações sobre outros povos.

O que apresentamos aqui é fruto de todos esses estudos e ensinamentos. Mas nem tudo é tão claro. Pode haver evolução na sua leitura e interpretação, conforme avançam as pesquisas e os estudos. Um achado arqueológico, como as tabuinhas encontradas na segunda metade do século XX, nas escavações arqueológicas numa região portuária da Síria, e que revelam uma civilização que deve ter sido importante entre os anos 1300 e 1100 antes de Cristo²⁰, pode modificar a compreensão e interpretação dos acontecimentos antigos.

1.6 Vocabulário básico dos nomes na Bíblia

No estudo da bíblia aparecem nomes como hebreu, israelita, judaíta, judeu, judá, israel, palestina, canaã, judaísmo, israelense, muitas vezes como sinônimos, mas às vezes com significados diversos.

Canaã era nome atribuído anteriormente ao território, que depois foi conhecido como Palestina. Era a região habitada pelos cananeus, descendentes de Cam, o filho amaldiçoado de Noé, terra prometida a Abraão e seus descendentes. Trata-se de uma região um pouco maior que o atual Estado de Israel.

Hebreu é um termo que faz referência à Abraão, o pai desse povo. Aparece pela primeira vez em Gênesis 14,13, que se refere a “Abrão²¹, o hebreu”. Uma das explicações é que esse nome se referia a Eber, um dos descendentes de Noé. Pode se referir também ao “povo do outro lado do rio”, que em hebraico é “Ivrim”.

Israel significa “aquele que lutou com Deus”, nome atribuído a Jacó, depois do episódio narrado em Gênesis 32, 22-32. Outra interpretação é que sua origem teria se dado na

<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/voce-sabia/voce-sabia-a-igreja-reconheceu-que-errou-ao-condenar-galileu,400811f48735b310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso: novembro de 2022.

¹⁸ Os Padres da Igreja, santos Padres ou Pais Apostólicos são teólogos das igrejas primitivas, especialmente seus bispos (mas também professores e mestres cristãos), que colocaram as bases da doutrina da Igreja Católica. Este período é conhecido como Patrística, e dentre seus representantes, estão Clemente de Roma (35-97 d.C), Inácio de Antioquia (35-110 d.C), Policarmo de Esmirna (69*155 d.C.), João Crisóstomo (347-407 d.C.), Tertuliano (160-225 d.C.), e muitos outros.

¹⁹ São sábios e santos da Igreja, cuja doutrina e ensinamentos são reconhecidos como fundamentos da fé católica. A Igreja reconhece hoje 36 doutores, dentre eles há praticamente todos os Santos Padres e mais alguns, como Santo Antônio de Lisboa ou de Pádua, Santa Teresa d’Ávila, Santa Catarina de Sena, São João da Cruz etc.

²⁰ Trata-se da mesma região e do mesmo tempo de muitos acontecimentos bíblicos do antigo testamento.

²¹ Antes da aliança, seu nome era Abrão. Depois foi modificado para Abraão.

ocupação de Canaã pelas tribos, que acreditavam que “El funda”, *Deus funda uma sociedade, um conjunto de tribos*.

Israelita é o povo que descende de Israel, dos doze filhos de Jacó (Israel), que foram os pais das doze tribos. Em geral, na bíblia, é um termo aplicado a todo o povo de Deus. No período em que o reino foi dividido, o termo israelita aplicou-se de modo mais específico aos habitantes do Reino do Norte, com capital na Samaria.

Judaíta, no mesmo tempo do reino dividido, o sul ficou conhecido como reino de Judá, com capital em Jerusalém. **Judá** era um dos filhos de Jacó que, segundo a narrativa, teria recebido do próprio pai, no leito de morte, a missão de conduzir o povo.

Judeu e **Judaísmo** são termos que, partindo da predominância do reino de Judá, nos tempos que precedem o exílio, no exílio e depois do exílio, são atribuídos a todo o povo de Deus, tanto os israelitas quanto os judaítas. O *judaísmo* será uma forma de preservar as tradições, de modo especial, após a dispersão do povo judeu (diáspora), com o dever de obediência à Lei (Torá), da circuncisão e observância do sábado. Serão os distintivos dos judeus. O indivíduo pode ser judeu e não seguir o judaísmo.

Judeia foi o termo atribuído à província que se situava nos antigos reinos de Israel e de Judá (principalmente neste último), durante o domínio persa.

Palestina que significa *país dos filisteus*, maiores inimigos dos judeus, foi dado à região de Canaã pelos romanos, para humilhar os seus habitantes.

Israelense é um termo que, na atualidade, refere-se aos cidadãos do Estado de Israel, criado pela ONU, em 1948. O indivíduo pode ser israelense e não ser judeu; pode ser judeu e não ser israelense.

O próximo tema e a próxima videoaula serão sobre a história dos patriarcas bíblicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENHOEVEL, Diego. *Assim se formou a bíblia: para você entender o antigo testamento*. Trad. Mateus Rocha, OSB. São Paulo: Paulinas, 1978.

BEITZEL, Professor Barry J. (consultor chefe). *Bíblica: o atlas da bíblia*. Trad. Mathias de Abreu Lima Filho, Eliana Chiocheti e Rodrigo Popotic. Barueri: Girassol Brasil Edições Ltda, 2006.

BRIGHT, J. *História de Israel*. São Paulo: Paulinas, 1978.

CERESKO, Anthony R. *Introdução ao Antigo Testamento numa perspectiva libertadora*. Trad. José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 1996.

COPEGUI, Ruiz de. *Deus nos caminhos da história: iniciação à leitura da Bíblia*. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 1975.

DRANE, John, FIELD, David e MILLARD, Alan. Trad. Edwino A. Royer. *Atlas da bíblia segundo a tradução da Bíblia de Jerusalém*. 15ª ed. São Paulo: Paulus, 2007.

GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia hebraica*. Trad. Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1988.

- GRUEN, W. *O tempo que se chama hoje: uma introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1977.
- KEYES, Nelson Beecher. *História ilustrada do mundo bíblico*. Trad. João Távora. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: Seleções do Reader's Digest, 1962.
- LEMOS, Marcus T. e REIS, João P.B. *Tábua cronológica da bíblia*. Cuiabá, MT: Defanti Editora, 2013.
- MEDEIROS, José M. de. *Panorama de história da bíblia*. 9ª ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- MESTERS, Carlos. *Deus, onde estás? : curso de Bíblia*. Belo Horizonte: Editora Veja S.A., 1972.
- PEETZ, Melanie. *O Israel bíblico: história, arqueologia, geografia*. Trad. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2022.
- PEREGO, Giacomo. *Atlas bíblico interdisciplinar: escritura, história, geografia, arqueologia e teologia*. São Paulo: Paulus; Aparecida: Editora Santuário, 2001.
- ROWLEY, H.H. *Pequeno atlas bíblico*. Trad. Adapt. A. Sapsezian. São Paulo: Aste, 1966.
- SPARKS, John. *Histomapa de história: ascensão e queda de povos e nações durante quatro mil anos*. Trad. Laima Mergravis. São Paulo: Edit. Brasiliense S/A, 1972.
- WEIHS, Alexander; THÖNISSEN, Ute. *Conheça a Bíblia*. Trad. Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulinas, 2010.
- ZWICKEL, Wolfgang. *Atlas bíblico*. Trad. Renatus Porath. São Paulo: Paulinas, 2010.